

Trabalho do Laboratório de Antropologia do Museu Bocage, da Faculdade de Ciências de Lisboa

## SOBRE A CONFIGURAÇÃO DO MALAR

por A. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA

Naturalista do Museu Bocage e Assistente do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa

O malar é em regra descripto simplesmente como um osso de forma rectangular, em que se consideram duas faces, quatro bordos e quatro angulos. Ha, no entanto, variações tão características da sua configuração, que me parece existir vantagem em considerar mais minuciosamente a sua configuração em conjunto, e buscar maneira de o mais possível precisar a sua fôrma, ou melhor a configuração, pelo menos, da sua face externa.

Na figura 1 se apresentam três caveiras, orientadas por fôrma a vêr de frente o malar esquerdo, o qual em cada uma delas foi contornado com um traço de tinta preta. Ha nítidamente, sobretudo entre a primeira e a terceira, notáveis diferenças no aspecto do malar. Na primeira, o malar tem uma fôrma estrelada, e na terceira uma fôrma quadrática, se assim se pôde dizer.

Na primeira e na segunda as apófises angulares são bem acentuadas, longas, destacando-se bem dos vértices do malar (Vid. fig. 2, fotografia ampliada do malar direito do primeiro crâneo da fig. 1); a apófise temporal é longa e estreita e tanto num como noutro crâneo o malar parece trans-

versalmente estrangulado quasi a meio, como se existisse um istmo ligando duas partes distintas do osso, a superior em fôrma de crescente, em volta da órbita, e a inferior, como que em continuação da apófise zigomática do temporal.

No terceiro crâneo o malar é quasi um osso quadrado, como o faço notar no artigo: — *Sobre o eurygnathismo de alguns crâneos do Minho, da colecção Ferraz de Macedo* (1); as apófises são pouco acentuadas, particularmente a apófise temporal, que é curta e larga, confundindo-se quasi com o corpo do osso. O estrangulamento do malar é pouco nítido e se medirmos o diâmetro transversal do malar nessa altura e o compararmos com a distância que vai, sobre o bordo postero-inferior, desde o ponto mais anterior ao mais posterior deste bordo, isto é do ponto inferior da sutura maxilar ao inferior da sutura zigomática do malar, encontra-se neste crâneo uma diferença mais pequena (9,5 para o lado esquerdo e 9 para o direito) do que nos dois primeiros, em que o valôr dessa diferença é respectivamente 14 para o lado esquerdo, e 14,5 e 15 para o direito. Calculando estas diferenças nos malares dos dois crâneos do Cabeço da Arruda que existem no nosso laboratório (Vid. fig. 3 e 4), obtem-se valores ainda mais pequenos do que no terceiro crâneo da fig. 1 (8 e 6, no malar esquerdo). Os malares destes crâneos são do tipo que eu chamo malar em esquadria, por opposição aos malares em forma de estrêla.

Passando os olhos pelas colecções de crâneos prehistóricos portuguezes existentes no Museu da Comissão dos trabalhos geológicos, tem-se a impressão que é o tipo do malar em esquadria o mais frequente nessas colecções. Só nos crâneos de Cesarêda e de Cascais é que a forma me pareceu

(1) Artigo em via de publicação.

ser nitidamente do tipo do malar em estrêla. O malar em esquadria observa-se particularmente no crâneo tipo n.º 2 de Muges, no crâneo da Cova da Onça, etiquetado pelo Dr. Barros e Cunha com o n.º 2 (1915) e em outros crâneos da Moita de S. Sebastião e do Cabeço da Arruda. Simplesmente nalguns destes crâneos, o malar embora em esquadria, não é quasi tão alto como largo, mas parece mais largo do que alto.

Malares em esquadria se vêem por exemplo no crâneo australoide, que figura na minha nota *Pequena contribuição para uma craniografia de Angola*, e no crâneo de Combe Capelle (segundo gravura que vem no livro *L'Uomo*, de Sergi). Serão estes caracteres indicadores de um parentesco de origem que Mendes Corrêa defende, a proposito do homem de Muges, do nosso negroide, do seu *Homo afer taganus* (*Estudos de etnogenia portuguesa*, in Terra portuguesa, 1918)?

O estrangulamento do malar a que me referi e cuja medida indiquei para, em comparação com a do bordo postero-inferior, se julgar da forma do malar e caracterisá-la, dá-se em regra, logo acima de uma linha áspera, que geralmente se encontra quasi a meio da face externa do malar, quando se passa a mão ou a vista, da parte superior para a inferior ou vice-versa, e numa eminencia da qual se localisa o ponto malar. Esta linha áspera é a fronteira, se assim se pode dizer, que separa a região lisa da região tuberosa do malar, de que fala Serrano (Pag. 530 do vol. 1 do *Tratado de Osteologia*). Em regra dirige-se de baixo para cima e de diante para traz, aproximando-se muito da horizontal; e é muitas vezes em forma de arco com a concavidade voltada para cima. Começa em regra no tuberculo onde se localisa o ponto malar e enca-minha-se para o ponto jugal.

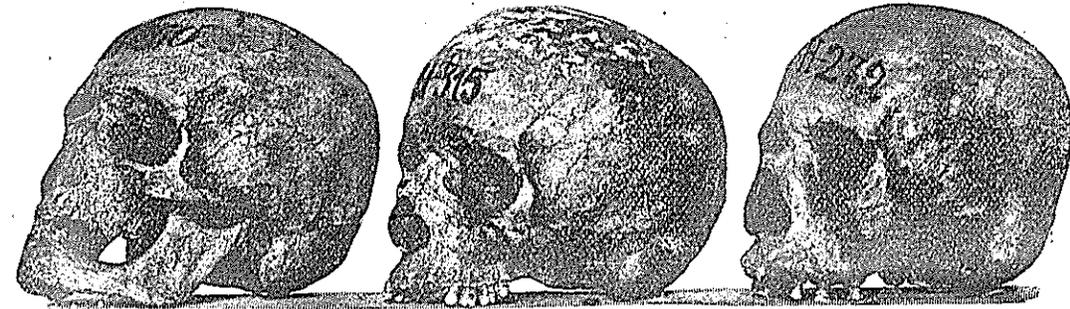


Fig. 1

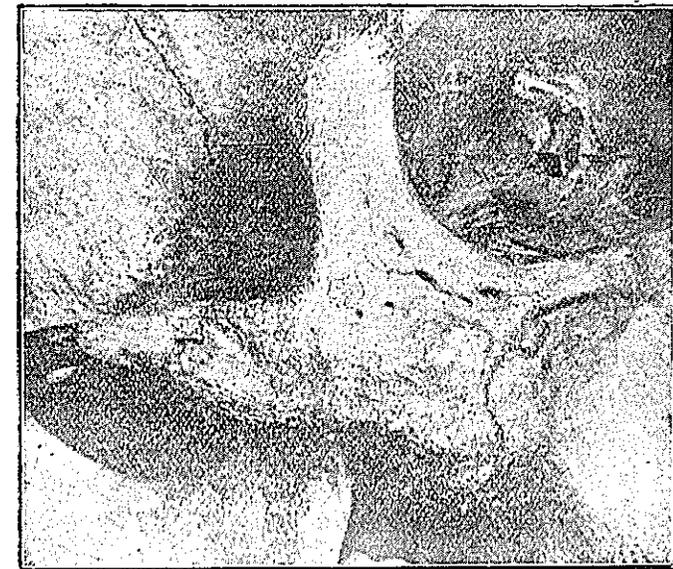


Fig. 2

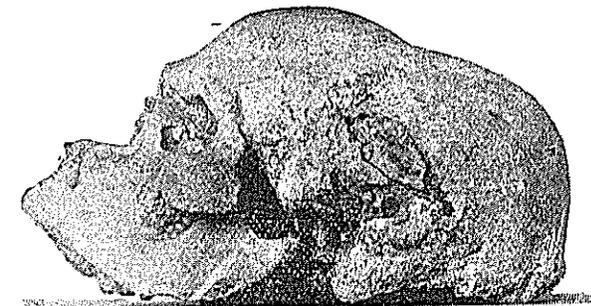


Fig. 3

Na caveira n.º 234 da série masculina das caveiras do cemiterio occidental, da colecção Ferraz de Macedo, não ha linha áspera; a face externa do malar é quâsi toda lisa, mas, ainda assim, abaixo da região do estrangulamento do malar, se encontra uma linha de demarcação, mais perceptivel pela vista do que pelo tacto, como que indicando a linha de soldadura dos dois malares: o superior e o inferior.

A fig. 2, fotografia ampliada do malar direito do primeiro crâneo da fig. 1, é um documento interessante, porque serve não só para mostrar um tipo característico do malar estrelado ou ramoso, e em que bem se nota a diferença entre o diametro transversal minimo e o comprimento do bordo postero-inferior do malar, mas também para demonstrar a constituição do malar, a sua tripartição (aqui indicada por series de buracos vasculares), segundo o esquema da constituição theorica do osso (Vd. *Testut*, pag. 201).

Para terminar esta série de notas, a proposito da configuração deste osso, que, debaixo do ponto de vista anthropologico, me parece merecer mais atenção do que aquela que habitualmente se lhe liga, indicarei o facto de que em regra nos crâneos com malar em esquadria, a sutura temporo-malar é do tipo n.º 4, de *Le Double (Traité des variations des os du crâne de l'homme*, pag. 314), enquanto que no craneo com malar em estrela, a sutura é em geral do tipo n.º 1. Neste tipo a linha inter-sutural malo-zigomatica, na expressão de *Le Double*, prolongada para diante, corta o diametro vertical da orbita na união do terço superior com os dois terços inferiores, ou o meio deste diametro ou o da arcada orbitaria, enquanto que no outro passa atraz desta.

## O PROBLEMA EUGÉNICO SEGUNDO A MODERNA GENÉTICA (1)

POR

Prof. V. GIUFFRIDA-RUGGERI

Sócio correspondente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

O problema fundamental da genética é achar o modo de obter as modificações uteis, das quais derive um melhoramento persistente e progressivo da humanidade actual. Para resolver um tal problema ha primeiro que decidir se se deve actuar sobre o ambiente ou directamente sobre o organismo.

Certamente uma melhoria do ambiente social não é despida d'importância, mas ocorre apurar-se se ela possui toda aquela importância que lhe atraiu até agora a atenção exclusiva das tendências filantrópicas e humanitárias, segundo o aforismo "ogni scuola chi si apre è un carcere che si chiude." Tal promessa, porém, não recebeu de modo algum a confirmação dos factos. Em Itália a chamada "escola positiva," chamou as atenções para o proprio indivíduo: Lombroso especialmente teve o mérito de estudar certas categorias de degenerados, que demonstram claramente que o ambiente social se deve distinguir da natureza do organismo. O ambiente não é todo poderoso: entram em jogo os facto-

(1) Versão do manuscrito italiano feita no Gabinete de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

res hereditários antisociais que são mais fortes do que o ambiente, explicando-se deste modo que de facto existam seres antisociais em qualquer ambiente.

Assim, é necessario actuar sobre o organismo. Aqui surge outra pergunta: se são os factores hereditários não desejaveis que cumpre eliminar, ou antes se se deve provocar a aparição e a persistência de novas mutações altamente desejaveis. Suponhamos que se póde impedir o matrimónio —ou torna-lo infecundo— entre os degenerados ou outros indivíduos prejudiciais; então utilizar-se-ia apenas o que ha de bom no património hereditário: o melhoramento d'aí resultante não é por certo desprezível. É como se num campo cultivado se fizesse a extirpação das plantas nocivas, e é este o conceito mais vulgarmente sustentado, como se póde vêr num livro recente do prof. Carlos Richet. (1)

Sirva este exemplo que se lê a pag. 55 desse livro: "No dia em que se quizer fazer desaparecer os tuberculosos, estes não mais deverão ficar nas cidades: serão isolados, ou mandados para ilhas como a Córsega, a Sardenha, a Irlanda, Creta, Ceilão, as Filipinas, bastante amplas para albergarem todos os tuberculosos das nossas cidades e dos nossos campos., Para outras ilhas serão mandados os sífilíticos e assim consecutivamente. Richet não diz se será preciso expulsar das ilhas os indígenas, mas é provavel que assim seja, com grave pezar para os antropólogos futuros, que, esperamo-lo, surgirão a defender ao menos os indígenas das ilhas Filipinas.

Esta ausência de character prático, que é paradoxal no exemplo citado, é um pouco o aspecto dessa tendência individualista de base seleccionista. Póde-se dizer que os fins justificam os meios, *salus publica suprema lex*; mas estes

(1) RICHET (CH.)—*La selection humaine*, Paris, 1918.

meios deixam de ser justificados se se podem atingir d'outro modo os mesmos fins. Não somos favoráveis a tal progresso quasi *manu militari*. Se bem que o prof. Richet diga querer transformar as casernas em escolas, todo o espírito das suas propostas é extremamente coercitivo, como facilmente se compreende.

Egualmente nos não convencem muito as suas conclusões de que "o progresso intelectual das gerações futuras depende dos progressos individuaes, múltiplos e diversos, que os progenitores tenham podido realizar e transmitir aos seus filhos., De facto Richet crê que é hereditário tudo o que é adquirido, a ponto que indica como uma condição de maior inteligência nos descendentes a sua procreação mais tardia e considera estatisticamente provado que os homens mais inteligentes *ceteris paribus* figuram menos entre os primogénitos. "O esforço intelectual pessoal — diz — que melhora o indivíduo, deve preceder, e não seguir, a procreação, para que os filhos aproveitem o melhoramento individual., Suponho que este conceito é tão fundado como as estatísticas mencionadas desfavoráveis aos primogénitos: de resto já em Itália Gini fizera um inquérito que não confirma os resultados desfavoráveis agora proclamados por Richet.

Se não se pôde praticar a depuração forçada, como desejaria Richet, porque chocaria com dificuldades insuperáveis (se agora nos aparecem taes, difficilmente no futuro seriam menores, antes provavelmente seriam maiores) não é entretanto para repelir uma fiscalisação official dos matrimónios, que forneça certas garantias sanitárias tidas por indispensáveis e que todavia se não adota ainda na maior parte das nações civís: isso diz respeito, mais do que a outro, ao capítulo da hygiene. A potencialidade da raça não

aumentará porém com tal fiscalisação — que será decerto adotada em breve — nem com o maior uso do encéfalo (como Richet igualmente pretende), pois tratando-se duma capacidade adquirida, esta perde-se com o próprio indivíduo sem transmissão de qualquer espécie. E' quasi geralmente aceite pelos biologists a lei de que uma variação só é transmissível quando é germinal, e que os factos puramente funcioaes não interessam o plasma germinativo.

Mas nós podemos actuar sobre o organismo de modo a atingir as suas células germinaes e a provocar no plasma destas células qualquer mudança; é portanto preferível esta alternativa á outra, á selecção violenta, que não pode ser patrocinada senão por poucos sequazes duma lógica a respeito da qual quasi se pode dizer *summum jus summa injuria*. Estes não mais lançarão as massas de encontro a uma tendência psicológica já agora arreigada na consciência colectiva, pelo menos na Europa.

As qualidades hereditárias, que se encontram no plasma germinal, chamam-se na genética moderna "factores,": provavelmente são moléculas altamente complexas, que residem em certos corpúsculos chamados "cromosomas,.". Uma transformação germinal da raça pode dar-se pelo facto de taes moléculas complexas agregarem qualquer outra molécula, o que muda inteiramente o seu carácter: esta eventualidade foi tomada em consideração pelos biologists. (!)

(!) BOURNE (G. C.) — *Some educational and moral aspects of zoology*, in *Animal Life and Human Progress*, ed. by A. Dendy. London, 1919, pág. 55.

Os factores, pois, são suscetíveis de mudança—já experimentalmente se obtiveram resultados positivos, em especial os de Tower—e Bourne crê que teoricamente nada ha de improvavel na doutrina de que o plasma germinativo possa ser influenciado por variações químicas e físicas do soma, isto é, do corpo. A intoxicação alcoólica dos progenitores foi estudada experimentalmente por Ceni nas galinhas com efeitos desastrosos nos descendentes. Mas uma influência sobre os factores deve ser qualquer coisa de muito mais delicado. Bourne não exclue de modo algum a aparição de novos factores, sem o que a grande variedade do mundo animal e vegetal se limitaria ás modificações possíveis e aos diversos agrupamentos dos factores já existentes.

Nada se sabe sobre o modo de obter tais modificações ou agrupamentos, bem como de obter mutações ambicionáveis; apenas se sabe que o cruzamento em larga escala é uma fonte copiosa de mutações. Mas ainda uma série de gerações da mesma espécie, quando se não trate de tipos puros (os quais raramente se encontram desde que se não cuide de os procurar), fornece também “mutantes”. Designam-se assim os novos tipos cuja aparição é devida á combinação de factores previamente segregados em diferentes indivíduos da população (moscas, escaravelhos, etc), que se multiplica. Morgan e Tower, que fizeram experiências de multiplicação destes animais, obtiveram frequentemente novos tipos, que foram reconhecidos como idênticos a variedades realmente existentes noutras partes do globo.

Acontece ainda que um indivíduo pôde ter no seu plasma germinativo factores “modificantes”, isto é factores tais que, encontrando-se com os factores apropriados doutro indivíduo, podem dar a estes últimos um efeito totalmente diverso, o qual se não daria na ausência dos “modificadores”.

Ainda muito importante é o vínculo entre certas aparências exteriores e os diversos hábitos mentais, de modo que se chega á conclusão de que um dado aspecto e um certo hábito mental são referíveis ao mesmo factor. (1) Este último ponto poderia fornecer uma base zoológica á antropologia criminal lombrosiana, e já disse que esta escola um pouco desacreditada viu todavia bem ao empreender uma análise de todo o organismo (não apenas do crânio, como fazia Gall) e se encontra no mesmo caminho dos modernos estudos da genética.

Tão sómente me parece que presentemente é preciso encarar o reverso da medalha—na verdade, a face mais bela desta—isto é, se queremos aumentar a potencialidade humana, não basta catalogarmos todas as deficiências psíquicas e os correspondentes aspectos físicos (2) para se verificar se uns e outros estão na dependência dos mesmos factores. É preferível vêr quais os aspectos exteriores que acompanham as qualidades mais uteis, como o domínio de si mesmo, o espírito de iniciativa, a capacidade para o trabalho. Cada família deveria construir a sua árvore genealógica bem explícita, na qual, percorrendo as diversas gerações, se poderia vêr se um dado aspecto físico e um certo hábito moral desaparecem e reaparecem juntos, o que quereria dizer que são referíveis a um mesmo factor.

Além de tais interdependências devem ainda ser consideradas as novas combinações que podem obter-se, chamadas “redistribuições dos factores”, : as possibilidades devem

(1) BOURNE (G. C.)—Op. cit., pag. 52.

(2) Cfr. GIUFFRIDA-RUGGERI — *Sulla dignità morfologica dei segni detti degenerativi*. Roma, Loescher, 1897. Nos últimos tempos Davenport e Pearson enriqueceram muito, com as suas investigações sobre a hereditariedade, este campo d'estudos.

ser notáveis se se considera o número enorme de factores que entram em jogo. Por exemplo na pequena mosca *Drosophila*, que foi estudada por Morgan, foram determinados mais de cem factores, por cada um dos quais um indivíduo duma espécie pode diferir dum outro. Esta multidão de factores encontra-se reunida num pequeno numero de cromosomas—quatro no caso da *Drosophila*—e para obter novas combinações é necessário alterar-se o agrupamento ordinário dos factores nos respectivos cromosomas, provocando trocas parciais de certos factores entre um cromosoma e outro, o que pode talvez obter-se actuando sobre os cromosomas com o magnetismo, a electricidade e outros meios<sup>(1)</sup>: pelo menos é provavel que com tais meios se obtenham outros agrupamentos do património hereditário, o que equivale a dizer outras células germinais. Justifica-se Punnett, o qual tem firme confiança em que se poderá um dia fazer brotar uma onda de novas formas de seres vivos.<sup>(2)</sup>

Sem nos abandonarmos a esperanças excessivas em novas combinações, podemos entretanto admitir que o sistema barbaro da castração, propugnado pelos seleccionistas, e ainda defendido por Richet, para obviar á propagação dos degenerados ou anormaes, não é justificado, pois póde atingir-se o mesmo fim por outros meios, senão actualmente, pelo menos num próximo futuro. Expondo á acção do rádio as células espermáticas duma rã, Hertwig conseguiu conservar nelas—que tinham perdido toda a função de transmissão hereditária—o seu poder estimulante do desenvolvimento do ovo. Deste modo são omitidos tanto os caracteres

(1) PUNNETT (R. C.)—*The future of the science of breeding in Animal Life and Human Progress*, op. cit., pag. 172.

(2) *Ibid.*, pag. 183.

bons como os maus, do lado paterno: no caso do homem, um epiléptico poderia ter descendentes sem receio de que estes fossem também epilépticos.

Terminamos com as palavras de Punnett: “a nossa questão é compreender o nosso material, as suas fraquezas e forças peculiares, de modo que, na urdidura que nos foi prescrita, possamos entrançar o nosso tecido magnifico e resistente.”

*Nápoles, R. Universidade, Instituto Antropológico.*

## Relatório dos trabalhos de 1919

ILUSTRES CONSÓCIOS:

No cumprimento dos art.<sup>os</sup> 8.<sup>o</sup> e 16.<sup>o</sup> dos nossos Estatutos, vimos apresentar-vos um relatório dos trabalhos realizados no ano social findo. É o primeiro ano de vida da Sociedade Portuguesa d'Antropologia e Etnologia, e ele se nos afigura uma promessa d'auspicioso futuro para esta corporação scientifica.

Eleito na *assembleia inaugural de 26 de Dezembro de 1918*, o Conselho Director cujo mandato recebeis agora em vossas mãos, immediatamente cuidou d'estabelecer a sede social, obtendo entretanto da Direcção da Faculdade de Ciências do Pôrto a concessão das suas salas para a realização das sessões scientificas. Comunicou-se desde logo igualmente ás autoridades, nos termos da lei, a constituição da Sociedade, tendo a comunicação e um exemplar dos estatutos ficado arquivados na 2.<sup>a</sup> Repartição do Governo Civil do Pôrto, em data de 11 de Abril de 1919.

Comunicada aos 32 sócios eleitos na assembleia inaugural a sua eleição, foram aprovados, no decurso do ano, nos termos dos Estatutos, mais 23 sócios efectivos, o que perfaz o número de 55 sócios, dos quais apenas 2 declinaram as eleições. É um número lisongeiro para uma sociedade consagrada, em Portugal, a um ramo scientifico especializado.

No intuito de promover a difusão desse ramo d'estudos no nosso paiz, numa das suas primeiras sessões, o Conselho Director resolveu apresentar á consideração das Faculdades de Medicina a conveniência da inclusão da Antropologia no quadro dos estudos médicos. A Faculdade de Medicina do Pôrto immediatamente respondeu mostrando as dificuldades práticas da inclusão dessa nova disciplina num quadro já muito sobrecarregado, mas inteligentemente expôz a sua concordância com a criação dum curso especial d'aperfeiçoamento, para os médicos, ou com a introdução da cadeira no F. Q. N. Qualquer dêstes alvitres poderia ser vantajosamente realizado. Oxalá os nossos votos a tal respeito se effectivem num prazo não muito distante, porque não se comprehende que o médico ignore, em muitos dos seus aspectos, a história natural do homem.

Enviou o Conselho Director cordeais saudações a varias colectividades scientificas, tendo recebido já respostas amistas e promessas de boas relações ou de permuta de trabalhos, da Academia das Sciências de Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, Escola d'Antropologia de Paris, Smithsonian Institution (Washington), Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland (Londres), Società Romana di Antropologia e Società Italiana di Antropologia e Etnologia (Florença). A Escola d'Antropologia de Paris convidou a Sociedade a colaborar na fundação dum Instituto Internacional d'Antropologia e nesse sentido se proheunciou o Conselho Director, trocando comunicações a tal respeito com aquela Escola. Várias revistas scientificas se referiram á nossa Sociedade com palavras d'estímulo; entre elas, podemos mencionar a "Revue Anthropologique", a "Lusa", a "Terra Portuguesa", etc.

Tratou o Conselho Director de promover a realização de *sessões scientificas*, o que fez com exito. Na *primeira*, em 2 de Junho, o presidente, Prof. Luiz Viegas fez uma alocução inaugural sobre o objectivo e progressos da Antropologia, e o sr. major Leite de Magalhães, distinto colonial e etnógrafo, que tem prestado á Sociedade uma valiosa colaboração, fez uma importante conferência sobre os **Povos de Timor**, em que apresentou os notaveis resultados dos seus estudos de linguística e etnografia na parte portugêsa da ilha. A comunicação foi muito apreciada, discutindo-a com justo elogio o secretário da Sociedade.

Em 25 de Julho realizou-se uma *segunda sessão científica*, tambem com o melhor êxito. Nela fez uma extensa e valiosa comunicação

sobre a etnografia dos **Dembos**, d'Angola, o sr. capitão David Magno, que na região dos Dembos, especialmente em Caculo-Cahenda, fez a directa aquisição de importantes e numerosos materiaes d'estudo. A conferência suscitou uma animada discussão, em que tomaram parte os srs. major Leite de Magalhães, Prof. Luiz Viegas e o secretário, fazendo o ultimo a apresentação duma comunicação do missionário sr. padre Antonio de Miranda Magalhães, sobre os **Luangos dos Dembos**, á qual juntou os seus próprios resultados sobre alguns crânios do dembado de Zumbi-Aluquem, que lhe foram enviados pelo infatigavel investigador sr. padre Magalhães. A sessão finalisou com projecções luminosas de diapositivos obtidos de clichés do sr. major Magalhães relativos a costumes timorenses.

Não houve mais sessões scientificas, o que é atribuível, em grande parte, às circunstâncias anormais de parte do ano que finda. Na *sessão annual* a que este relatório será presente, em 22 de Janeiro de 1920, fará ainda uma comunicação, em cumprimento do § unico do artigo 8.º dos Estatutos, o secretário da Sociedade, o qual versará o têmea "**A paleontologia e a origem do homem**".

O Conselho Director iniciou as publicações da Sociedade com umas notas póstumas de Fonseca Cardoso, **Em terras do Moxico** (Apostamentos de etnografia angolense), antecedidas do retrato do malogrado antropólogo e de palavras de biografia e homenagem. Esse trabalho, illustrado com numerosas e magnificas estampas, algumas das quais amavelmente cedidas pelo sr. prof. Henrique de Vilhena, da Faculdade de Medicina de Lisboa, deverá ser seguido de outros, alguns dos quais estão já entregues á tipografia, como são "**Sobre a configuração do malar**", do sr. dr. A. Aurélio da Costa Ferreira, e "**Subsidios para o estudo etnológico de Timor**", do sr. major Leite de Magalhães. As dificuldades materiais e alto custo destas publicações não permitiram a sua mais rápida impressão.

Foram comunicadas as suas eleições aos sócios correspondentes aprovados nas sessões inaugural e scientificas, e que são os srs. prof. Artur Keith (Londres), dr. Ales Hrdlická (Washington), prof. Hernandez Pacheco (Madrid), prof. Telesforo d'Aranzadi (Barcelona), prof. Manuel Anton (Madrid), Yves Guyot, prof. Georges Hervé, prof. H. Breuil, prof. Marcellin Boule e prof. R. Verneau (Paris), prof. Giuffrida-Ruggeri (Napoles), dr. H. ten Kate (Suissa) e dr. Eugenius Frankowski (Madrid).

Resolveu ainda a direcção propor à assembleia que vai realizar-se, a eleição dos srs. prof. Sergio Sergi, da Universidade de Roma, para sócio correspondente, e dos srs. Cartailhac, o eminente autor das "Ages Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal.", Salomon Reinach, o grande arqueólogo, e prof. Giuseppe Sergi, o ilustre antropólogo italiano, para sócios honorários. Está o Conselho Director plenamente convicto de que a sua proposta justíssima será aceite.

A biblioteca da Sociedade está incipiente, sendo de crêr o seu rápido desenvolvimento. Enviaram-lhe publicações a Escola de Antropologia de Paris, que ofereceu 8 anos da "Revue Anthropologique.", o Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, que remetêu a colecção do seu importante "Archivo d'Anatomia e Anthropologia.", a Sociedade Romana de Antropologia, que começou a remeter a "Rivista di Antropologia.", e ainda ofereceram publicações originaes os srs. profs. Telesforo d'Aranzadi, Sergio Sergi, Giuffrida-Ruggeri, J. de Barandiaran, Enrique de Eguren, além de alguns sócios efectivos.

O estado financeiro da Sociedade é que não pode ainda considerar-se desafogado. A cobrança de fóra do Pôrto é difficil e as primeiras despezas, particularmente as tipográficas, tiveram de ser elevadas. Mas há boa vontade para melhorar essa situação, e dado o número já elevado de sócios contribuintes e dada a possibilidade de tirar algum lucro da vendâ das publicações feitas pela Sociedade, estamos em crer que depressa, sob o ponto de vista económico, o futuro desta colectividade aparecerá tão auspicioso, como o é já sob o ponto de vista da sua acção scientifica.

O Conselho Director tem a convicção de que se desempenhou o melhor que podia da delicada missão, que lhe foi incumbida, de iniciar os trabalhos da Sociedade. Ao encerrar a sua tarefa, formula os melhores votos pela prosperidade e completo êxito desta jôven instituição e agradece todas as colaborações que recebeu durante a sua gerência.

Porto, 31 de Dezembro de 1919.

O Secretário,

A. A. MENDES CORRÊA.

## LISTA DOS MEMBROS DA SOCIEDADE PORTUGUÊSA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

### PRESIDENTE DE HONRA

Prof. José Leite de Vasconcelos.

### CONSELHO DIRECTOR (em 1920)

Presidente — Prof. Luis de Freitas Viegas.

Vice-presidente — Prof. Aarão Ferreira de Lacerda. (¹)

Secretário — Prof. António Augusto Mendes Corrêa.

Tesoureiro — Dr. José da Rocha Ferreira.

Vogal — Dr. Armando de Almeida Prisco. (²)

### SECÇÃO DE ETNOGRAFIA

Presidente — Dr. Vergilio Corrêa.

Vice-presidente — Dr. Cláudio Basto.

### SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA PREISTÓRICA

Presidente — (³)

Vice-presidente — Dr. Joaquim Fontes.

(¹) Este lugar foi exercido em 1919 pelo Prof. Bento Carqueja.

(²) Este lugar foi exercido em 1919 pelo Prof. Abel de Lima Salazar. Todos os outros, exceto o de vice-presidente, foram em 1919 desempenhados pelos mesmos sócios eleitos para êles em 1920.

(³) Vago por falecimento do Dr. José T. R. Fortes.

## SÓCIOS HONORÁRIOS

- 1 — Émile Cartailhac, Professor da Universidade de Tolosa, correspondente do Instituto de França — 22 de Janeiro de 1920.
- 2 — Giuseppe Sergi, Professor da Universidade de Roma — 22 de Janeiro de 1920.
- 3 — Salomon Reinach, Membro do Instituto de França — 22 de Janeiro de 1920.

## SÓCIOS CORRESPONDENTES

- 1 — Dr. Ales Hrdlicka, Conservador da Secção Antropológica do Museu Nacional dos Estados Unidos, Washington — 26 de Dezembro de 1918.
- 2 — Prof. Arthur Keith, Professor do Real Colégio dos Cirurgiões, Londres — 26 de Dezembro de 1918.
- 3 — Prof. Eduardo Hernandez Pacheco, Professor da Universidade de Madrid — 26 de Dezembro de 1918.
- 4 — Dr. Eugenius Frankowski, Assistente da Universidade de Cracovia — 2 de Junho de 1919.
- 5 — Prof. Georges Hervé, Professor da Escola de Antropologia de Paris — 2 de Junho de 1919.
- 6 — Prof. Henri Breuil, Professor do Instituto de Paleontologia Humana, Paris — 26 de Dezembro de 1918.
- 7 — Dr. H. ten Kate, Glion (cantão de Vaud, Suíça) — 2 de Junho de 1919.
- 8 — Prof. Manuel Anton y Ferrandiz, Professor da Universidade de Madrid, Director do Museu Antropológico Nacional, Madrid — 2 de Junho de 1919.
- 9 — Prof. Marcellin Boule, Professor do Museu de História Natural, Paris — 26 de Dezembro de 1918.
- 10 — Prof. René Verneau, Professor do Museu de História Natural, Paris — 26 de Dezembro de 1918.
- 11 — Prof. Sergio Sergi, Professor da Universidade de Roma — 22 de Janeiro de 1920.

- 12 — Prof. Telesforo d'Aranzadi, Professor da Universidade de Barcelona — 26 de Dezembro de 1918.
- 13 — Prof. Vincenzo Giuffrida-Ruggeri, Professor da Universidade de Napoles — 26 de Dezembro de 1918.
- 14 — Yves Guyot, Director da Escola de Antropologia de Paris — 2 de Junho de 1919.

## SÓCIOS EFECTIVOS

- 1 — Prof. Aarão Ferreira de Lacerda, Pôrto.
- 2 — Prof. Abel de Lima Salazar, Pôrto.
- 3 — Dr. Alberto Brochado, Pôrto.
- 4 — Dr. Alfredo Mendonça da Costa Ataíde, Pôrto.
- 5 — Prof. António Augusto Mendes Corrêa, Pôrto.
- 6 — Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, Lisboa.
- 7 — Dr. António Corrêa da Costa e Almeida, Ermezinde.
- 8 — Prof. António da Costa Portela, Pôrto.
- 9 — P.<sup>o</sup> António de Miranda Magalhães, Loanda (Angola).
- 10 — P.<sup>o</sup> António de Oliveira, Lisboa.
- 11 — Dr. António Ferreira Loureiro, Pôrto.
- 12 — Major António Leite de Magalhães, Pangim (Índia Portuguesa).
- 13 — Dr. António Mesquita de Figueiredo, Lisboa.
- 14 — Dr. António Simões Pina, Pôrto.
- 15 — Dr. Armando de Almeida Prisco, Pôrto.
- 16 — Dr. Augusto de Carvalho e Almeida, Pôrto.
- 17 — Prof. Augusto J. Alves dos Santos, Coimbra.
- 18 — Prof. Baltazar Ozorio, Lisboa.
- 19 — Prof. Bento Carqueja, Pôrto.
- 20 — Dr. Carlos de Passos, Pôrto.
- 21 — P.<sup>o</sup> Claudino Nazaré Brites, Lubango (Angola).
- 22 — Dr. Cláudio Basto, Viana do Castelo.
- 23 — Capitão David Magno, Pôrto.
- 24 — Eduardo de Sousa Soares, Pôrto.
- 25 — Prof. Eusébio Tamagnini, Coimbra.
- 26 — Dr. Filinto Elisio Vieira da Costa, Guimarães.
- 27 — Dr. Francisco dos Santos Pereira Vasconcelos, Pôrto.

- 28 -- Dr. Francisco Nunes Guimarães Coimbra, Pôrto.
- 29 -- Capitão Francisco M. de Oliveira Santos, Lunda (Angola).
- 30 -- Prof. Hernani Bastos Monteiro, Pôrto.
- 31 -- Dr. Jaime Alberto de Castro Morais, Pangim (Índia Portuguesa).
- 32 -- Prof. J. Bettencourt Ferreira, Lisboa.
- 33 -- João Diogo, Pôrto.
- 34 -- João Grave, Pôrto.
- 35 -- Prof. Joaquim Alberto Pires de Lima, Pôrto.
- 36 -- Dr. Joaquim Costa, Pôrto.
- 37 -- Dr. Joaquim Fontes, Lisboa.
- 38 -- Dr. José Álvares de Sousa Soares, Pôrto.
- 39 -- Dr. José da Rocha Ferreira, Pôrto.
- 40 -- Dr. José de Sousa Machado Fontes, Pôrto.
- 41 -- Prof. José Leite de Vasconcelos, Lisboa.
- 42 -- Dr. José Maria de Oliveira, Pôrto.
- 43 -- Dr. José Marques de Aciãos Proença, Pôrto.
- 44 -- Prof. José Teixeira Rego, Pôrto.
- 45 -- Dr. Luís Bastos Viegas, Pôrto.
- 46 -- Prof. Luís de Freitas Viegas, Pôrto.
- 47 -- Dr. Manuel Alves da Cunha, Loanda, (Angola).
- 48 -- Dr. Manuel Barbosa Soeiro, Lisboa.
- 49 -- Dr. Manuel Valadares, Lisboa.
- 50 -- Mario de Morais Afonso, Pôrto.
- 51 -- Dr. Mário de Vasconcelos e Sá, Pôrto.
- 52 -- D. Sebastião Pessanha, Lisboa.
- 53 -- Dr. Tomaz Lobo, Leça de Palmeira.
- 54 -- Dr. Vergílio Corrêa, Lisboa.
- 55 -- Visconde de Guilhomil, Pôrto.